

DELINQUÊNCIA: RESPOSTA A UM SOCIAL PATOLÓGICO

Artigo publicado no Boletim de Novidades da Livraria Pulsional, S.P., ano XIV, 145, 5-13, maio, 2001

"Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais".

Sigmund Freud, 1908

INTRODUÇÃO

As transformações sócio-culturais da modernidade - em particular as econômicas - os movimentos feministas surgidos após a I Guerra Mundial, a "revolução sexual" dos anos 60s e a chamada crise da masculinidade, são alguns dos fatores que contribuíram para uma reorganização de valores e costumes. Ao mesmo tempo, as referências simbólicas do masculino e do feminino têm sido retrabalhadas, o que produziu conseqüências diretas nos modelos identificatórios e na construção da identidade sexuada.

Também temos assistido à novas manifestações da sexualidade na contemporaneidade - tais como o transexualismo e o sexo virtual pela Internet. O surgimento da Aids que criou um estado de coisas de tal forma dramático que obrigou a sociedade, que ela o queira ou não, a integrar os grupos minoritários: face a uma doença como a AIDS que concerne a população como um todo e cuja contaminação é feita principalmente por contato sexual - é a sexualidade do sujeito que está em jogo - não se pôde mais ignorar o comércio sexual, tal como a prostituição (feminina e masculina), que até então era, de certa forma, marginal em relação a sociedade oficial. Tudo isto trouxe a céu aberto aspectos da sexualidade que até então haviam sido reprimidos, ou estavam recalcados, gerando aquilo que podemos chamar de "novas configurações da angústia".

Como sabemos, a psicanálise é fruto do contexto histórico onde ela surge. À parte a grande genialidade de Freud - que, com suas idéias, provocou uma das maiores revoluções no pensamento ao propor que a ordem se apoia no caos, ou seja, que por trás do pensamento racional "penso logo existo" existe o Outro que nos dirige e ao qual nunca temos acesso direto; que "não somos senhores em nossa própria casa" - o edifício teórico-clínico da psicanálise só foi possível aparecer devido à inúmeras variáveis de ordem histórico-político-econômico-sociais. Se a psicanálise não está fora da cultura, sem dúvida as mudanças sócio-econômicas deste século de psicanálise levaram à mudanças de

demanda de análise. Ao mesmo tempo, estas mesmas mudanças sócio-econômicas contribuíram para um recrudescimento da violência e da delinqüência infanto-juvenil: a delinqüência, tal como ela tem se apresentado nas últimas décadas, reflete de uma configuração perversa do tecido social.

Embora as configurações geradas pela dinâmica social - que podem, por vezes, traduzir de forma exemplar o *Mal-estar na Civilização* - tenham sempre despertado o meu interesse, este foi intensificado a partir de um trabalho institucional (1) de acompanhamento e supervisão, e da participação em um grupo de reflexão sobre a delinqüência e a violência infanto-juvenil. Este grupo constituiu-se após os trágicos acontecimentos ocorridos na FEBEM de São Paulo no final de 1999.

Entretanto seria simplista, senão elitista, circunscrever a violência infanto-juvenil aos internos da FEBEM ou às classes menos favorecidas. No outro lado da escala, na classe média-alta, temos outras formas de expressão da delinqüência, raramente punida diga-se de passagem, como o episódio do índio incendiado em Brasília ou dos rapazes nos U.S.A. que mataram entregadores de pizzas para sentir "como é matar alguém". Somam-se a isto os comportamentos marginais, cada vez mais comuns embora pouco noticiados, nos condomínios de alto luxo onde, ironicamente, a segurança é máxima justamente para não deixar entrar a violência do mundo externo.

Em nossa prática clínica - seja no âmbito institucional, ambulatorial ou nos consultórios particulares - somos frequentemente confrontados com a violência. Às vezes é inevitável, seguindo o exemplo de Freud, repensar alguns aspectos da teoria, a partir das configurações que a clínica nos apresenta, e fazer eventuais reposicionamentos teórico-clínicos. Questões éticas são incontornáveis: se, por um lado, é relativamente "fácil" teorizar e propor soluções para a violência da FEBEM, por outro, é bem menos confortável termos que lidar não apenas com a violência de nossos vizinhos e de nossos familiares mas, principalmente, quando somos convocados a intervir na delinqüência (violência, tráfico de drogas, delitos em geral...) das classes mais abastadas, justamente aquelas que pagam os honorários mais altos. Não podemos nos esquecer que nossa escuta não é imune à nossa própria organização identificatória, e que tampouco está ao abrigo de nossos complexos inconscientes infantis que a transferência reatualiza.

As tentativas de análise das organizações da contemporaneidade são várias. Fala-se, por exemplo, no declínio da lugar do pai - o que não se confunde com a função paterna - ou mesmo na sua falência. Um dos fatores que contribuíram para esta carência seria a transformação, no campo social, da autoridade paterna. Se seguirmos as mudanças no Código Civil referentes ao Direito Paterno veremos como, desde o Direito Romano até os nossos dias, houve um enfraquecimento do poder do pai sobre o filho. Tais mudanças

tomaram um caráter mais dramático no final do Século XIX e início do XX com as novas leis de mercado. Cada vez mais, em nome do "interesse da criança", instituições sociais passaram a substituir o pai quando este não cumpria aquilo que dele se esperava. Ou seja, cada vez que o "bem-estar da criança" está em jogo, o pai pode ter seu poder familiar limitado.

A citação que se segue, velha de mais de 150, retrata bem este pensamento denunciando, ao mesmo tempo, um social perverso:

"Se os pais do proletariado abusam de sua autoridade para maltratar os seus filhos fazendo-os trabalhar "como animais" é, antes de tudo, porque eles mesmos são sangrados, explorados e devem submeter-se às exigências da produção sob pena de morrer de fome... A legislação da fábrica é a confissão oficial de que a grande indústria converteu a autoridade paterna em um aparelho de mecanização destinado a fornecer diretamente ou indiretamente ao capitalismo as crianças do proletariado o qual, correndo o risco de morte, deve cumprir seu papel de intermediário e mercador de escravo" (2).

Quando perguntado porque servia de "aviãozinho", porque levava drogas da favela para os consumidores, um interno da FEBEM de 12 anos respondeu: "assim eu posso comprar um tênis Nike, e ser igual a todo mundo (leia-se: "posso existir"), e ajudar minha família".

Podemos também pensar no aumento do sentimento de desamparo, típico da nossa "cultura do narcisismo" (3), onde a descrença generalizada nos valores tradicionais levou a uma intensa busca do prazer pessoal, do individualismo, em detrimento dos ideais coletivos. Nesta configuração, o sistema de produção e o consumo em massa, ou seja, o massacrante modelo de "sucesso" dos ideais capitalistas substitui, ou mesmo elimina, qualquer ideal pessoal que não se enquadre nesta referência. Isto pode levar à um empobrecimento, por vezes radical, da subjetividade em prol de uma cultura "objetiva" globalizante. Quando as referências identificatórias e os Ideais constitutivos do sujeito não têm mais lugar pois são substituídos por valores coletivos baseados em referências uniformizantes, o sujeito é transformado em objeto e perde a sua história pois não há mais lugar para a circulação do desejo: o desamparo é desamparo dos ideais.

Nesta cultura do narcisismo, os sentimentos e intuições dos pais são frequentemente trocados pela imagem daquilo que a cultura determina como pais "ideais". Vivemos a era dos "especialistas": aqueles que, socialmente reconhecidos, ditam o que ser feito para que a criança seja "normal". Os filhos transformam-se no espelho do narcisismo dos pais onde é projetado o status social - o uso de determinado objeto, os cursos, aulas de inglês, natação, psicólogo, etc - gerando, entre pais e filhos, um circuito perverso de

retroalimentação. Não raro, esta situação gera uma imagem narcísica infantil supervalorizada que pode impedir a construção de limites e de respeito aos direitos dos outros.

SUJEITO E CULTURA

Em três de seus textos dedicados ao estudo do homem através do desenvolvimento da civilização, - *O Futuro de uma ilusão* (1927), *O Mal-estar na Cultura* (1929) e *Porque a Guerra?* (1933) – Freud advoga que a gênese do "eu" (registro da ontogênese) repete os processos presentes no desenvolvimento da civilização (registro da filogênese): à civilização cabe dominar as forças da natureza assim como regular as tensões internas entre seus membros; ao "eu" cabe dominar as excitações externas e internas próprias à sua organização. O paralelismo entre a filogênese e a ontogênese continua: ao estado arcaico da horda primeva dominado, e ao mesmo tempo protegido, pelo líder ilimitado, corresponde à ficção freudiana do bebê imerso em seu desamparo (*Hilflosigkeit*) quando de seu nascimento e abandonado ao Outro todo poderoso encarnado, neste primeiro momento, pela mãe; à castração infligida pelo tirano, corresponde a perda do seio, vivida como uma experiência de incompletude.

Resgatar a filogênese na ontogênese não é tarefa fácil pois a criança deverá, em pouco tempo, "assimilar os resultados de uma evolução cultural que se estende por milhares de anos" (4) para adaptar suas pulsões à cultura. A história do desenvolvimento da libido que, em parte, repete a filogênese é bem mais antiga que os impulsos do "eu" onde o que estaria em jogo seria a história da espécie humana: só se pode falar em "eu" a partir do recalque. Contudo, os impulsos sexuais podem, ao menos por certo período, ser satisfeitos auto-eroticamente enquanto os impulsos do eu, desde o começo, não podem prescindir do objeto (5). O conflito surge, então, quando os impulsos sexuais, que atuam sem censura, devem submeter-se às exigências da realidade (culturalização), ao superego, aos Ideais. Isto significa renunciar ao gozo narcísico em nome de organizações psíquicas culturalmente valorizadas. Ou seja, em nome das satisfações substitutivas.

O Édipo, etapa derradeira do longo processo ao final do qual o sujeito estará integrado à comunidade, implica em um pacto (6) onde a criança perde mas também ganha. Se, por um lado, ela deve aprender a adiar uma satisfação, ou até mesmo a renunciá-la, por outro ela recebe em troca um nome, uma filiação. Efim, um lugar na estrutura social e o acesso a ordem simbólica. Mas a sociedade também ganha: após o Édipo, a criança iniciará um processo de socialização ao final do qual ela estará em condições de oferecer sua força de trabalho, resultado da renúncia pulsional, para a construção e transformação da sociedade.

Pois bem. O que pode acontecer quando os processos responsáveis pela limitação do gozo narcísico falham, são insuficientes ou não se aplicam a todos? Quando o sujeito não recebe as compensações substitutivas, embora sempre parciais, de sua renúncia

pulsional? Quando, de forma perversa, a sociedade oferece, de um lado, os modelos ideais e, de outro, limita à grande maioria o acesso a estes modelos?

Tentar responder a estas questões, e tantas outras da mesma ordem que poderíamos formular, nos ajudaria a compreender como um social patológico gera delinquência.

A PERVERSÃO DO SOCIAL E A DELINQUÊNCIA

Como vimos, a entrada da criança no mundo, sua assujeitação à civilização - a introdução em um espaço onde outros falam-lhe, interpelam-na, fazem-lhe demandas, ofendem-na, etc - só é possível pela renúncia do gozo narcísico e pela aceitação das satisfações substitutivas que a civilização oferece. Entretanto, vale lembrar, tanto os sacrifícios impostos pela civilização para que a vida em comum seja possível, quanto as satisfações substitutivas ao narcisismo, nunca são plenamente aceitáveis no inconsciente dos homens pois a própria civilização é, em seu cerne, marcada por aquilo que afeta o sujeito do desejo: o recalque. Dito de outra forma: o processo civilizatório, ou se preferirmos o Outro, é aquilo que transforma o gozo em desejo. Por outro lado, cabe também ao processo civilizatório garantir ao sujeito o acesso e a continuidade, por mínimas que sejam, às satisfações substitutivas sem o quê ocorreria um recrudescimento da frustração causada pela renúncia narcísica

A inexistência de satisfações substitutivas às moções pulsionais recalçadas, assim como falta de limites ou o excesso de satisfação, podem gerar violência ou atos de delinquência. A frustração oriunda de tendências pulsionais recalçadas faz com que o psiquismo procure outras formas de descarga de energia como é o caso de alguns comportamentos anti-sociais. Ao mesmo tempo, e aqui se constitui o paradoxo de ser humano, revoltar-se contra a civilização, contra o Outro (contra a cultura, o mundo, as leis), percebê-la como uma instância hostil é revoltar-se contra aquilo que constitui o próprio homem, o que aumenta ainda mais a frustração e a angústia.

Da mesma forma que conflitos familiares podem afetar, ou mesmo entravar, a resolução do complexo de Édipo impedindo que o sujeito se situe no simbólico, uma patologia do social, gerada por uma organização político-social perversa que não garante a continuidade do processo civilizatório, pode gerar comportamentos marginais.

Exemplo disto ocorre quando, chegado o momento de receber da sociedade o que lhe é devido, os seus direitos fundamentais em troca da renúncia ao princípio de prazer, o sujeito não é acolhido pela sociedade vendo-se impossibilitado de transformar o recalque pulsional em força de trabalho. Quando isto acontece, quando o social que deveria garantir o pacto edípiano apresenta-se de forma perversa, é todo universo psíquico do sujeito que corre o risco de romper-se pois não há porque manter a renúncia pulsional

quando não se tem nada em troca. O resultado é uma ruptura profunda, por vezes definitiva, com o social. Uma pesquisa feita com crianças da periferia mostra que, como qualquer criança, elas têm sonhos para o futuro baseados em modelos identificatórios: querem ser bombeiros, policiais, médicos, etc. A partir dos 10/11 anos estes sonhos desaparecem e, grande parte deles são obrigados a roubar, vender drogas, prostituir-se como única possibilidade de sobrevivência. Numa escala mais ampla, temos os assaltos, sequestros, estupros e outras tantas condutas violentas e mortíferas perpetradas por aqueles que não têm nenhuma razão para respeitar as imposições sociais quando a própria sociedade os relega ao degredo.

Mas a patologia social pode igualmente propiciar a falta de limite, ou um excesso de satisfação. Atravessamos um momento histórico onde incentiva-se que o sujeito "chegue lá" a qualquer custo. A clínica infantil é rica em exemplos onde os filhos vivem a crença imaginária de ser o objeto exclusivo de amor dos pais (7). Nesta violência mortífera, aos filhos, transformados em imagem idealizada dos pais, pede-se que sejam aquilo que eles - os pais - não foram; que realizem esperanças e elabore lutos sempre presentes em seus pais - núcleos narcísicos infantis. Esta situação de um narcisismo ilimitado, faz com que as sanções sociais e atos de autoridade que, mais cedo ou mais tarde, são impostos, tenham um elevado ônus psíquico, e sejam vivenciados como atentados ao narcisismo.

É crescente o número de crianças, principalmente de meninos, que são encaminhados para terapia por apresentarem "problemas de identidade". Desde os primeiros encontros fica claro aquilo que se pode chamar de "qualidade" da relação destas crianças com a figura masculina e, conseqüentemente, a possibilidade da imago paterna de servir, ou não, de suporte identificatório. Estas crianças exibem, por vezes, comportamentos e preferências ditos "femininos". Entretanto não se tratam de crianças que apresentariam uma orientação homossexual embora esta situação também ocorra. Seriam, antes, meninos que, devido à particularidade de suas constelações familiares, identificaram-se às referências simbólicas que, na nossa sociedade, são atribuídas às meninas. Isto pode ser gerador de angústia nos pais, principalmente nas mães que "cobram" dos companheiros aquilo que eles não podem dar. Digno de nota é o fato que, em muitos destes casos os pais destes meninos estão em crise em relação às referências sociais da masculinidades às quais eles não conseguem corresponder, o que gera angústia.

Quando os pais não servem de suporte dos investimentos libidinais, a criança buscará modelos fora do âmbito familiar. Igualmente, para construir seu sistema de valor ético-moral a criança pode tomar, quando faltam-lhe referências no ambiente onde está inserida, aquilo que é valorizado externamente como coordenadas de base. Situações que evocam violência, agressividade, aquelas que sugerem relações baseadas na desconfiança, na falta de solidariedade, na competitividade e outras tantas, podem incentivar

comportamentos e propor "valores éticos" divergentes daqueles necessários para a construção de uma estrutura social calcada no respeito e no direito do cidadão.

Quanto aos adolescentes, estes buscam modelos durante o período de separação e luto dos modelos familiares. Os carentes de referências encontram nas propostas globalizantes respostas lá onde os pais, e a sociedade, nada lhes propõem, "assegurando" ao sujeito a ilusão de pertencer a um grupo e propiciando-lhes, ao mesmo tempo, uma defesa contra o perigo de se entrar em contato com representações inconscientes de conteúdos ameaçadores. Um exemplo das múltiplas derrapagens é o recurso à droga - ou à violência, à uma sexualidade compulsiva etc. Da mesma forma, alguns movimentos anti-sociais dos adolescentes traduzem bem esta configuração. Em ambos os casos - crianças e adolescentes - quando o mundo interno se encontra mal organizado e pobre em imagens identificatórias, as "soluções" a conflitos internos são procuradas em modelos exteriores.

Uma outra forma de manifestação da patologia do social é imposição de padrões identificatórias como insígnias de sucesso e, ao mesmo tempo, a limitação a seu acesso a um grupo restrito. Estes "valores sociais de felicidade" são então transformados em Ideais. Pode ocorrer a criação, entre o Eu e estes "valores-Ideais", de uma distância intransponível que compromete a capacidade de fantasiar do sujeito. A delinquência pode, mais uma vez, significar uma formação substitutiva que permitem a descarga dos componentes agressivos gerados pela frustração das pulsões recalçadas.

* *
*

Um social patológico gera uma frustração (por vezes inconsciente) que se fecha num circuito perverso. Tanto o caso ocorrido na FEBEM quanto o do assassinato do índio e dos entregadores do pizzas mostram que quando o psiquismo não tem como regular seus movimentos pulsionais, seus recalques fundadores não mais se sustentam. A delinquência, em suas múltiplas versões, aparece então como uma resposta "sadia" a um social perverso.

1 - Este trabalho foi realizado em uma Casa de Passagem: instituições ligadas à Prefeitura, na cidade de São Paulo, para onde são encaminhadas crianças que por diversas razões - agressão, rejeição, abandono... - deixaram suas casas sendo ali acolhidas.

2 - MARX, K. (1867), "Le Capital", livro 1, t. II, cap. XV, Ed. Sociales, Paris, 1969, p. 531-583. (Tradução nossa)

3 - LASCH, C., "A cultura do Narcisismo", Rio de Janeiro, Imago, 1983.

4 - FREUD, S., (1933) "Explicações, Aplicações e Orientações", in Novas conferências, E. S. B., 1976, X XII, p. 180.

5 - FREUD, S., (1928) "Neurose de transferência: uma síntese ", Rio de Janeiro, Imago, 1987.

6 - Expressão utilizada por Hélio Pellegrino. Conf. PELLEGRINO, H., "Pacte Œdipien et Pacte Social", in Le Psychanalyste sous la Terreur, Paris, Rocinante, 1986, pp. 16-22.

7 – Debatido em um trabalho anterior as origens do conflito próprio ao ser humano entre, por um lado, ser "um", unir-se em comunidade, e, por outro lado, ser "UM", manter-se na ilusão de ser o filho favorito. Conf. Ceccarelli, P.R., "Ilusão identitária e instituição psicanalítica", in Boletim de Novidades da Livraria Pulsional, São Paulo, ano XII, 125, 49-56, set. 1999.

Paulo Roberto Ceccarelli*

e-mail: pr@ceccarelli.psc.br

* Psicólogo; psicanalista; Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade de Paris VII; Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental; Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais; Membro da "Société de Psychanalyse Freudienne", Paris, França; Professor Adjunto III no Departamento de Psicologia da PUC-MG; Conselheiro Efetivo do X Plenário do Conselho Regional de Psicologia da Quarta Região (CRP/O4).